

**DESAFIOS E NECESSIDADES DE UMA ECOSOFIA NO TERRITÓRIO
ESCOLAR**

**CHALLENGES AND NEEDS OF AN ECOSOPHY IN THE SCHOOL
TERRITORY**

**DESAFÍOS Y NECESIDADES DE UNA ECOSOFÍA EN EL TERRITORIO
ESCOLAR**

Rudinei Cogo Moor¹
Priscila de Melo Zubiaurre²

RESUMO

Através da obra "As três ecologias" de Félix Guattari, este artigo tem como objetivo apresentar as concepções ecológicas do autor e refletir sobre alguns desafios enfrentados pela escola. Guattari aborda a ecosofia, que engloba as ecologias ambiental, mental (subjectividade) e social, buscando promover uma transformação na forma como nos relacionamos com o território, a subjectividade e o mundo. Com o acelerado avanço tecno-científico, a humanidade enfrenta uma crise ecológica sem precedentes, e a escola não pode se manter distante dessa realidade. É fundamental problematizar os espaços escolares, repensar uma educação baseada na memorização em detrimento do excesso de informação, e valorizar o ócio e a produção de subjectividade. Os desafios aqui descritos permeiam o ambiente escolar, suas práticas específicas e a necessidade de uma nova abordagem para a produção de subjectividade, direcionando-nos às demandas ecológicas do século XXI. A escola deve ser um espaço de transformação e conscientização, capaz de promover a construção de um mundo mais equilibrado e consciente de suas interações com o meio ambiente.

Palavras-chave: ecologia; ecosofia; ambiente; sociedade; pensamento.

ABSTRACT

Through Félix Guattari's work "The three ecologies", this article aims to present the author's ecological conceptions and reflect on some challenges faced by the school. Guattari addresses ecosophy, which encompasses environmental, mental (subjectivity) and social ecologies, seeking to promote a transformation in the way we relate to the territory, subjectivity and the world. With the accelerated techno-scientific advance, humanity is facing an unprecedented ecological crisis, and the school cannot stay away from this reality. It is essential to problematize school spaces, rethink an education based on memorization to the detriment of an excess of information, and value idleness and the production of subjectivity. The challenges described here permeate the school environment, its specific practices and the need for a new approach to the production of subjectivity, directing us to the ecological demands of the 21st century. The school must be a space for transformation and awareness, capable of promoting the construction of a more balanced world and aware of its interactions with the environment.

¹ Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Psicóloga e especialista em saúde mental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).



Keywords: ecology; ecosophy; environment; society; thought.

RESUMEN

A través de la obra de Félix Guattari "Las tres ecologías", este artículo tiene como objetivo presentar las concepciones ecológicas del autor y reflexionar sobre algunos desafíos que enfrenta la escuela. Guattari aborda la ecosofía, que engloba las ecologías ambiental, mental (subjetividad) y social, buscando promover una transformación en la forma en que nos relacionamos con el territorio, la subjetividad y el mundo. Con el acelerado avance tecnocientífico, la humanidad se enfrenta a una crisis ecológica sin precedentes, y la escuela no puede permanecer ajena a esta realidad. Es fundamental problematizar los espacios escolares, repensar una educación basada en la memorización en detrimento del exceso de información, y valorar la ociosidad y la producción de subjetividad. Los desafíos aquí descritos permean el ámbito escolar, sus prácticas específicas y la necesidad de un nuevo abordaje de la producción de subjetividad, orientándonos hacia las exigencias ecológicas del siglo XXI. La escuela debe ser un espacio de transformación y concienciación, capaz de promover la construcción de un mundo más equilibrado y consciente de sus interacciones con el entorno.

Palabras clave: ecología; ecosofía; ambiente; sociedad; pensamiento.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a ecologia tem ganhado cada vez mais destaque e espaço nas discussões contemporâneas. Propostas de uma ecologia do mundo do trabalho e a valorização do ócio em Domenico de Masi ou de uma ecologia complexa em Edgar Morin, assim como Félix Guattari que apresenta um conceito ampliado de ecologia, envolvendo natureza, sociedade e pensamento (produção da subjetividade), levantam questões abrangentes e nos fazem pensar sobre as relações interpessoais e do ser humano no mundo.

O fato que desperta as reflexões sobre a ecologia é que a humanidade vive uma crise ecológica. As mudanças técnico-científicas transformaram de modo irreversível a forma como nos relacionamos com o meio em que habitamos. Levamos aproximadamente dois séculos para transformarmos uma sociedade industrial (calcada na produção de bens materiais) em uma sociedade pós-industrial (informações, símbolos, comportamentos e serviços). Uma mudança curta, comparada aos oito mil anos desde o advento da agricultura até o estabelecimento da indústria (Cf. MASI, 2001). Estas mudanças e saltos épicos ocorrem rapidamente e com mais frequência, pois possuem contrapontos relacionados a desequilíbrios ecológicos. O que fazer, por exemplo, com a vida doméstica que está cada vez mais alienada pela mídia, padronizando seus comportamentos através de hábitos de consumo ditadas por ela? Como lidar com o desemprego, uma vez que os postos de trabalho estão gradativamente



desaparecendo? Quais respostas da educação, da política e de instâncias executivas frente a uniformização midiática, modismos e manipulações de opinião publicitária? Como potencializar os modos de vida com criação, cultura e sensibilidade diante da marginalidade, pobreza, solidão, angústia e sofrimento? Enfim, o que podemos esperar? Como iremos viver neste planeta daqui em diante?

Neste contexto de “aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico” (GUATTARI, 2012, p. 8) Guattari sugere uma ecosofia. Segundo Guattari (2012), a ecosofia precisa ser uma revolução autêntica nos campos sociais, políticos e culturais, bem como de sensibilidade, inteligência e desejo. Antes de mais nada, é preciso perguntar sobre a teleologia das atividades humanas para evitar impasses dramáticos, como ocorre hoje com as forças que as dominam em direção ao lucro e submissão nas relações de poder.

A escola não é um território separado e distanciado das problemáticas acima. Ela encara em suas práticas as problemáticas ecológicas em escalas individuais e coletivas. Diante do exposto, questionamos sobre como a retomada ecológica pode ajudar a resolver os desafios que se apresentam no território escolar. Assim, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre desafios enfrentados pela escola, à luz da obra “As três ecologias” de Félix Guattari. Tendo como ponto de partida a referida obra, pretendemos, de forma didática, refletir as principais questões da obra a fim de compreendermos o trajeto do autor e sua proposta, correlacionando a alguns dos desafios escolares vivenciados.

FÉLIX GUATTARI E AS TRÊS ECOLOGIAS

“As três ecologias” é uma obra do filósofo e esquizoanalista francês Félix Guattari, publicada originalmente em 1989. Ele e seu parceiro DELEUZE (2010, p. 11), partem do pressuposto que “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos”. Ao encontro desta proposição, Guattari aborda a ecologia como um conceito interdisciplinar, indo além da compreensão tradicional. Por definição, ecologia é o “estudo das relações entre os seres vivos e o meio em que eles vivem, de suas recíprocas influências” (FERREIRA, 2010, p. 270). Para Guattari, a relevância de uma ecologia não é somente para a descrição dos meios possíveis de relações e suas influências, mas uma articulação ética-política. Esta chama-se ecosofia e busca promover uma transformação no modo como nos relacionamos com o mundo. A



ecosofia apresenta como proposta a criação de uma ética e estética da ecologia, entrelaçando três registros ecológicos: ambiental, social e subjetivo. Com isso, a intenção do autor é compreender e enfrentar a crise ecológica encarada pela humanidade. O autor não descarta uma implosão bárbara, caso não haja uma retomada ecosófica desses três registros ecológicos, podendo nos defrontar com “a escalada de todos os perigos: as do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho de crianças, da opressão de mulheres...” (2012, p. 16-17). A partir daqui, tentemos compreender como Guattari entende o conceito de ecologia por meio de cada registro ecológico.

A ecologia ambiental possui um princípio particular: “tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (GUATTARI, 2012, p. 52). O crescimento técnico-científico e o crescimento demográfico trazem desafios que não podem ser tratados apenas de modo individual. As respostas à crise ecológica precisam ser em escala planetáriaⁱ. As adaptações que os seres poderiam fazer em relação às adversidades do planeta podem ser limitadas devido as interações dramáticas e irreversíveis com a natureza. Por isso, para o autor a “natureza não pode ser separada da cultura” (GUATTARI, 2012, p. 25), isto é, tudo o que fazemos tem implicações com o meio ambiente. Precisamos lidar com o fato que nosso habitat, cercado pela aceleração das revoluções da robótica e informática, nunca mais voltará a ser o que era. É preciso evitar o olhar reacionário e a nostalgia de um passado idealizado. E isso inclui a ineficiência de rearmos ideologias políticas e econômicas que não respondem mais aos desafios socio-psíquico-ambientais de hoje.

A ecologia ambiental, tal como existe hoje, não fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique. Os movimentos ecológicos atuais têm certamente muitos méritos, mas, penso que na verdade, a questão ecosófica global é importante demais para ser deixada a algumas de suas correntes arcaizantes e folclorizantes, que às vezes optam deliberadamente por recusar todo e qualquer engajamento político em grande escala. A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados. (GUATTARI, 2010, p. 36).

Guattari nos lembra de que “desde sempre a ‘natureza’ esteve em guerra contra a vida” (2010, p. 52). Ao invés de alimentarmos mais a dominação sobre a natureza, tal como era o ideal cientificista moderno, precisamos de uma ética ecosófica, isto é, uma



nova ecologia que substitua o engajamento político e religioso por um movimento ético-político e estético, prático e especulativo ao mesmo tempo. Se o equilíbrio ambiental depende de práticas humanas, então a própria ação precisa ser colocada sob um regime reflexivo, reestruturando as relações humanas e as engrenagens sociais.

Em relação as demais ecologias, a ecologia social tem como princípio particular a “promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos” (GUATTARI, 2010, p. 45). Deste modo, “a ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.” (GUATTARI, 2010, p. 15-16). Tal reconstrução social somente é possível se não perdermos de vista a desterritorialização realizada pelo poder capitalista e, trabalhando “na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do *socius*” (GUATTARI, 2010, p. 33). A desterritorialização ocorre por causa de uma deterioração das relações humanas com o *socius*, a psique e a natureza. O desconhecimento e a passividade dos indivíduos e poderes frente esta deterioração faz com que a busca de soluções se dê através de ideologias obsoletas e/ou valores universais. Há também uma dificuldade a ser enfrentada pela ecologia social e mental no que se refere a “introjeção do poder representativo por parte dos oprimidos” (GUATTARI, 2010, p. 32). A reconstrução das relações humanas não está em reproduzir modelos que não mais se sustentam, através de partidos políticos ou sindicatos. Isto é, “não mais impõe ‘resolver’ os contrários como o queriam as dialéticas hegelianas e marxistas” (GUATTARI, 2010, p. 35).

Os desafios ambientais passam por uma necessidade de transformações sociais e políticas que consigam enfrentar a crise ecológica, interconectando dimensões naturais, sociais e psíquicas e enfatizando a necessidade de agenciamentos do corpo, do ego e do indivíduo imersos nas comunidades humanas. Se a organização social não consegue acompanhar o progresso tecno-científico, pois as máquinas mudam mais rapidamente do que os hábitos, as normas e mentalidades (Cf. DE MASI, 2001), como reconfigurar as relações sociais, políticas e econômicas para promover o equilíbrio ecológico? Muito além de uma crítica e teorização, Guattari propõe que a ecologia social seja uma prática engajada de reconstrução social.

Só que essa reconstrução passa menos por reformulas de cúpulas, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de

subjetividade, que vai adquirindo autonomia ao mesmo tempo se articulando o resto da sociedade (GUATTARI, 2010, p. 44).

A ecologia mental (subjetividade) tem como princípio o “fato de que sua abordagem dos territórios existenciais depende de uma lógica pré-objetal e pré-pessoal evocando o que Freud descreveu como um ‘processo primário’” (GUATTARI, 2010, p. 38). O autor caracteriza essa lógica como a do “terceiro incluído”ⁱⁱ, onde há uma indistinção e coexistência de contradições e ambiguidades. Essa lógica deve servir para a produção de subjetividades em que a ecologia do inconsciente (fantasma) permita uma elaboração singular dos componentes de subjetivação. Desse modo, “a ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte” (GUATTARI, 2010, p. 16). O modo de operar da ecologia mental será mais próximo “do artista do que a dos profissionais “psi”, sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade” (GUATTARI, 2010, p. 16).

É extremamente necessário paradigmas éticos que realcem a responsabilidade e engajamento de todos aqueles que trabalham em instâncias psíquicas coletivas e individuais, tais como a educação, a moda, o esporte, a mídia etc. (Cf. GUATTARI, 2010). Guattari procura outra perspectiva além da psicanálise e da fenomenologia para desenvolver a ecologia mental e trabalhar com a concepção de subjetividade. Para ele, o sujeito não é evidente, tal como é para a fenomenologia, pois além desse emaranhado complexo, há tantas outras existências que se instauram fora da consciência. Guattari não quer ultrapassar e apagar os conceitos freudianos, mas reorientá-los para fazer uso deles. Ele vê alguns problemas teóricos e práticos com a instrumentação e uso da psicanálise.

Os psicanalistas de hoje, mais ainda que os de ontem, se entrincheiram no que se pode chamar de uma ‘estruturalização’ dos complexos conscientes. Em sua teorização, isso conduz a um ressecamento e a um dogmatismo insuportável e, em sua prática, a um empobrecimento de suas intervenções, a estereótipos que os tornam impermeáveis à alteridade singular de seus pacientes” (GUATTARI, 2010, p. 21).

Assim como para apreendermos a arte de um artista precisamos da produção como um processo expressivo, permitindo a configuração da obra de arte como um bloco de sensações (perceptos)ⁱⁱⁱ, “a apreensão de um fato psíquico é inseparável do agenciamento de enunciação que o faz tomar corpo” (GUATTARI, 2010, p. 19). Entende-se por agenciamento o movimento de crescimento das dimensões de forma



múltipla, que muda de natureza conforme aumentam as suas superfícies de conexões, como, por exemplo, a transformação de pontos musicais em linhas, surgindo, assim, um conjunto musical. Deixa-se a ideia de um conceito universal que mede os elementos segundo o seu lugar e sua dimensão, para transformar-se em uma multiplicidade variável. Assim, o conceito de agenciamento encontra-se diretamente atrelado ao de rizoma que Deleuze e Guattari (2011, p.22) propõem em na obra *Mil Platôs*, cujo conceito caracteriza-se como formas muito diversas que vão “desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções [...]”. Estas formas podem apresentar-se como cadeias semióticas de toda natureza, conectadas a formas múltiplas, tais como biológica, política, econômica, dentre outros.

Deste modo, a apreensão de um fato psíquico pode ser dada pelo conceito, afeto ou percepto que são complementares, mas impostos por um “desvio pseudonarrativo” que autoriza uma inteligibilidade discursiva, mesmo que às voltas do discurso se manifeste uma não discursividade que não se deixa totalmente apropriar a nível de conteúdo e expressividade. Os dispositivos de produção da subjetividade perpassam por uma ressingularização individual ou coletiva que não abandona fatores como a mídia, desflorestamento ou lutas contra a fome. No entanto, essas questões não são resolvidas com a promoção de líderes carismáticos ou salvadores da pátria (Cf. GUATARI, 2010).

OS DESAFIOS DA ECOLOGIA NA ESCOLA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Quais são os desafios ecológicos enfrentados no território escolar? Em relação à ecologia ambiental, como se dão as interações dos seres humanos e o ambiente escolar que os cerca? No que diz respeito a ecologia social, como os grupos humanos, organizações sociais e interações dos indivíduos se estabelecem neste território frente a diversidade e inclusão, participação democrática e relações de poder? No âmbito da ecologia mental, como os aspectos subjetivos e processos de subjetivação dos indivíduos interagem com a saúde mental, pressão acadêmica, criatividade e imaginação? Estas e outras questões provocam reflexões acerca dos desafios que frequentemente nos deparamos no território escolar. Se a humanidade, como dissemos, enfrenta uma crise ecológica, a escola, sendo um efeito dessa humanidade, está entregue a esta crise. Abaixo, serão elencados alguns desafios que entrelaçam as três ecologias concernentes ao território escolar.

Desafio 1: passagem de uma sala de aula inóspita e opressora para um ambiente equilibrado e acolhedor. Muitos espaços escolares não são acolhedores, tampouco podem promover cidadania se são insalubres e repulsivos. Salas de aula sem acessibilidade, corredores rabiscados e sujos, pátios desorganizados, iluminação inadequada, mobiliário desconfortável e ausência de espaços que facilitem a convivência, dentre outros, são aspectos que contribuem para uma hostilidade do ambiente escolar. Com relação ao ambiente em sala de aula, afirma CATUNDA & FORTUNATO:

primeiro é preciso compreender a sala de aula como um ambiente. A sala de aula não deve ser apenas um espaço que contém paredes, lousa, carteiras, alunos e professor. Dependendo das condições deste ambiente, torna-se impossível estar, quanto mais estudar, e até mesmo aprender. (...) a sala de aula como ambiente se configura cada vez mais como um espaço insalubre. Essa insalubridade está, por exemplo, na ausência de preocupação com a acústica, e o professor vê-se obrigado a esgarçar suas cordas vocais enquanto os alunos confundem-se pela má propagação do som. Uma única conversa ao pé do ouvido, por exemplo, desmonta a ressonância dos verbos do aprender (2010, p. 59).

Desafio 2: uma escola que faça a passagem da memorização, repetição e de conteudismos (excesso de informação) para instigar um aprender a pensar criticamente. Este “aprender a pensar” está longe de ser uma defesa exclusivamente da razão, mas o envolvimento da afetividade, do corpo e das relações humanas, “porque aprendemos não somente com a razão, mas também com a afetividade, com corpo, e principalmente nas relações (que são racionais e afetivas)” (CATUNDA & FORTUNATO, 2010, p. 59). É claro que qualquer instituição se vê as voltas do pensar e pode compreender suas atividades em prol do pensar. Por isso, a proposta desta passagem não se trata apenas de educação para o pensar, mas pensar criticamente. Para Matthew Lipman, uma das características do pensamento crítico é que ele se fundamenta em critérios^{iv}. “O pensar crítico é, portanto, o pensar que emprega tanto os critérios quanto aquele que pode ser estimado por recorrer aos critérios” (LIPMAN, 1995, p. 173). Há certa conexão entre critérios e julgamentos, pois são os critérios que conduzem os juízos que realizamos em relação a um estado de coisa ou a realidade propriamente dita.

Na obra “21 Lições para o século 21”, Harari reflete sobre os desafios da sociedade contemporânea. Com relação à educação, o autor aponta que algumas escolas ainda continuam abarrotando os estudantes de informações. “No passado isso faria sentido, porque a informação era escassa, e mesmo o lento gotejar da informação



existente era repetidamente bloqueado pela censura” (HARARI, 2018, p. 266). No entanto, atualmente, com as informações a “um clique de distância” não faz sentido a transmissão de informações da forma a que se propõe a escola, bem como a memorização delas. É evidente que a memorização tem sua relevância, mas não a memorização por si mesma, ou a simples decoreba antes da prova. “Em vez disso, as pessoas precisam de capacidade para extrair um sentido da informação, perceber a diferença entre o que é importante e o que não é, e acima de tudo combinar os muitos fragmentos de informação num amplo quadro do mundo” (HARARI, 2018, p. 267). Além de informações, o que pode se tornar obsoleto são as habilidades predeterminadas, tais como: “resolver equações diferenciais, escrever programas de computador em C++, identificar substâncias químicas num tubo de ensaio ou conversar em chinês” (HARARI, 2018, p. 268). O mundo está se transformando rapidamente de modo que não sabemos o que ensinar e nem o que esperar. No entanto, na visão do autor e de alguns especialistas, deveríamos estar ensinando outras habilidades.

Muitos especialistas em pedagogia alegam que as escolas deveriam passar a ensinar “os quatro Cs” — pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. Num sentido mais amplo, as escolas deveriam minimizar habilidades técnicas e enfatizar habilidades para propósitos genéricos na vida. O mais importante de tudo será a habilidade para lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares. Para poder acompanhar o mundo de 2050 você vai precisar não só inventar novas ideias e produtos — acima de tudo, vai precisar reinventar a você mesmo várias e várias vezes (HARARI, 2018, p. 268).

Sem dúvidas, é difícil transformar a escola calcada na educação tecnocrática e pouco reflexiva num ambiente de criatividade, criticidade e engajamento. Na maioria das vezes as escolas adotam uma postura tradicional que fica centrada na transmissão de conteúdos e preparação para provas, negligenciando outras habilidades essenciais para o desenvolvimento de cidadãos ativos e críticos. Aos estudantes, “sedados, não há necessidade de pensar, mas memorizar, não é preciso criar, mas reproduzir – reprodução, no caso, de uma lógica inundada pela perversidade” (CATUNDA & FORTUNATO, 2010, p. 60). Neste contexto, quais estratégias podemos adotar?

Estudantes não se tornam pensadores críticos da noite para o dia. Primeiro, eles precisam aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito. A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de

pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização (HOOKS, 2020, p. 23).

Paulo Freire já denunciava o discurso bancário da educação, afirmando que um educador democrático precisa, “em sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (2022, p. 28). Para isso, uma das tarefas é ensinar a rigorosidade metódica que não tem relação com o discurso bancário que transfere conteúdos, mas antes, criar condições que “exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (2022, p. 28).

Ademais, a oportunidade de realizar a atividade de instigar promovida ao educando, aos olhos do educador pode parecer inútil ou desorganizadora. No entanto, compreende-se que somente através da prática da atividade de questionar que podem ser instauradas ou delegadas tomadas de responsabilidades individuais e/ou coletivas (GUATTARI, 1992). Segundo Guattari (1992), este é o remédio para uma rotina burocrática e subalterna em que as pessoas, neste caso, os educandos são corriqueiramente submetidos pelos sistemas de hierarquia tradicionais que apresentam o cenário escolar.

Desafio 3: necessidade de uma escola que não ensine e prepare apenas para o trabalho, mas nos eduque para o ócio. As instituições, a família e a sociedade têm uma preocupação excessiva voltada para a formação profissional e nenhuma para ócio. O conceito de trabalho se torna algo avassalador, do qual depende todos os nossos esforços, colocando-o acima de tudo (Cf. MASI, 2001). Precisamos de uma educação que nos desafie e estimule ao ócio criativo. A partir de algumas tendências principais, Mais (2001) faz uma leitura de um possível cenário no ano de 2030 em relação ao tempo livre e ao cuidado que precisamos ter com ele a partir de agora.

Em 2030 cada pessoa terá diante de si 66 anos, o equivalente a 580 mil horas de vida. Dedicará 58 mil horas ao trabalho (10% do total); 200 mil horas ao cuidado com o corpo (sono, cuidados básicos etc.); 120 mil horas à formação; 200 mil horas (o equivalente a 8.300 dias ou 23 anos) a qualquer outra coisa que não seja trabalho, cuidado com o corpo e formação. Como ocupá-las? Como evitar o tédio e a depressão? Como crescer intelectualmente? Aumentará a violência ou a paz social? A diferença será determinada pelo nível de cultura e de curiosidade intelectual. Portanto, precisamos nos modelar ao tempo livre desde hoje, mais do que hoje costumamos nos modelar ao tempo e trabalho (2022, p. 739).



Desafio 4: uma escola que desenvolva nossa capacidade de produção da subjetividade. O que faz o professor? Ele é um arbitro de observância de normas? Substitui os pais, Deus ou o Estado? É um terapeuta autorizado a investigar a vida de seus alunos? (Cf. ILLICH, 1985, p. 45). O que faz um estudante? Um receptor de conteúdos e informações necessárias? Um sujeito autônomo que pode escolher seus próprios caminhos educacionais? Sua aprendizagem é resultado do ensino? Devemos estimular uma aprendizagem padronizada, um autodidatismo ou uma educação liberal? Em suma, os desafios ecológicos se entrelaçam com a complexidade que emerge das interações humanas no ambiente em que se encontram inseridos. Em ambientes que apresentam ecologias e sistemas hierárquico tradicionais, como o da escola do século XXI, acabam produzindo sujeitos em série, com o caráter repetitivo e vazio do ensino-aprendizagem, ditando uma subjetividade “prático-inerte” (GUATTARRI, 1992, p.187). A escola, por meio da mudança de sua ecologia, pode propor, de fato, a produção de uma nova forma de subjetividade. Nesse sentido, Guattari (1992), propõe que ao invés de concebermos práticas que instigam ao vazio e a repetição, devemos esforçar-nos em reorientar a sua finalidade, no intuito de produzir uma re-criação permanente de subjetividades e, assim, dar início a uma revolução molecular.

Frente a isso, aos desafios da ecologia na escola e os seus desdobramentos, podemos dizer que vivenciar um território existencial, ecologicamente consciente, é unir esforços com uma práxis educacional transformadora, capaz de proporcionar a humanização do ensino-aprendizagem no horizonte em que se enfrenta os desafios contemporâneos atuais e daqueles que ainda estão por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas e outras questões/desafios podem ter um espaço de reflexão naquilo que Guattari aponta como as três ecologias. É preciso pensar a escola e no cenário desenhado, bem como no século XXI, onde as demandas e transformações são constantes. Precisamos ser sensíveis ao que as três ecologias refletem com urgência, envolvendo questões ambientais, sociais e emocionais. A escola faz parte do mundo, não pode ser colocada como um espaço isolado. Pelo contrário, a escola precisa ser vista conectada e integrada com a realidade, considerando os aspectos globais, coletivos e individuais.

O princípio comum das três ecologias para Guattari nos colocam diante de territórios existenciais, projetados a escolher caminhos que não são determináveis ou generalizáveis, mas abertos à influência de diferentes elementos e forças. Não há possibilidade de fechamento ou rigidez ecológica, pois os territórios existenciais são dinâmicos e contingentes, abertos ao diálogo e a outros territórios e esferas e, é por meio desta abertura que podemos romper com as estruturas estratificadas e criar novas possibilidades de vida. Como afirma o autor supracitado:

o princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo "habitável" por um projeto humano (GUATTARI, 2010, p. 37).

Sendo os territórios fluidos e mutáveis, a abertura processual e a ação são essenciais para torná-los habitáveis e adequados aos projetos humanos coletivos e individuais. No território escolar, há a necessidade de promover uma educação que reconheça a singularidade de cada estudante na medida em que se criam condições para o equilíbrio ecológico. A produção de subjetividade, descrita como a ecologia mental, requer uma abordagem pedagógica que reconheça a diversidade nos diferentes talentos, habilidades e interesses dos estudantes, tornando a aprendizagem uma *práxis* efetiva no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATUNDA, Marta Bastos; FORTUNATO, Ivan. As três ecologias da sala de aula. **Horizontes**, v. 28, n.1, p.55-63, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portalUSF/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/As%20tr%C3%AAs%20ecologias%20da%20sala%20de%20aula%5B16708%5D.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Vol. 1**. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **O que é filosofia?** 3 ed. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.



GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 1 ed. Tradução de Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

HARARI, Yuval Noah Harari. **21 lições para o século 21**. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento Crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo, Elefante, 2020.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7.ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary F.P. Petrópolis: Vozes, 1995.

MASI, Domenico de. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Tradução Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

_____. **O trabalho no século XXI: fadiga, ócio e criatividade na sociedade pós-industrial**. Tradução Aline Leal. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

Submetido em: 26/07/2023

Aceito em: 31/07/2023

ⁱ Domenico de Masi toma como referência o ano de 2030 para construir um cenário e entender como evoluirão as tendências principais, como ecologia, longevidade, androginia, tecnologia, ética etc. Em relação à ecologia, diz o autor: “a crise ambiental e as desigualdades sociais serão os maiores desafios também em 2030. Como o equilíbrio ecológico já foi comprometido em larga escala, cada desenvolvimento adicional pode se mostrar insustentável. Mas dificilmente os países ricos chegarão a um acordo para dar uma marcha à ré capaz de reduzir os níveis de consumo sem prejudicar os níveis de felicidade. Como os países pobres elevarão seus consumos, em 2030 serão necessários três planetas como a terra para garantir aos seres vivos o necessário espaço biorreprodutor. Como o desmatamento e os gases de efeito estufa ameaçam a atmosfera e aumentam o calor, 200 milhões de pessoas deverão migrar por motivos climáticos” (MASI, 2022, p. 736).

ⁱⁱ Entre os princípios da lógica está o terceiro excluído. Michel Serres, em sua obra “O terceiro instruído”, vai de encontro ao que Guattari descreve com terceiro incluído. A fim de explicar o princípio do terceiro excluído, Serres afirma: “Entre duas pessoas que se contradizem, é realmente necessário que uma diga a verdade e a outra minta: não existe um terceiro possível e, por isso, diz-se que o terceiro está excluído, ou melhor ainda, que o meio termo não existe. Será verdade?” (SERRES, 1993, p. 55). Para Guattari, “lógica que poderíamos dizer do ‘terceiro incluso’, onde o branco e o negro são indistintos, onde o belo coexiste com o feio, o dentro com o fora, o “bom objeto” com o mau...” (2010, p. 38).

ⁱⁱⁱ Para DELEUZE & GUATTARI uma obra de arte não é dependente do espectador ou do criador. “Ela é independente do criador, pela autopoisição do criado, que se conserva em si. O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das



palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si” (2010, p. 193-194).

^{iv} “Critérios são razões; são um tipo de razão, um tipo particularmente *confiável*. Quando temos que dispor coisas descritiva ou avaliativamente = e estas são duas tarefas muito importantes – temos que fazer uso das razões mais confiáveis que formos capazes de encontrar, e estes são critérios classificatórios e avaliativos. Os critérios podem, ou não, ter um nível alto de aceitação pública, mas têm um nível alto de aceitação e respeito entre a comunidade de pesquisadores especializados. A utilização competente de tais razões respeitadas é uma maneira de estabelecer a objetividade de nossos julgamentos prescritivos, descritivos e avaliativos. Deste modo, os arquitetos julgarão um edifício empregando critérios como *utilidade, segurança e beleza*; os juízes fazem julgamentos com o auxílio de tais critérios como *legalidade e ilegalidade*; e, presumivelmente, os pensadores críticos contam com critérios aprovados pelo tempo como *validade, garantia evidencial e consistência*” (LIPMAN, 1995, p. 173-174).